

27 de novembro de 1957

Seminário da quarta-feira de 27 de novembro de 1957

Na última vez deixamos as coisas no ponto em que, na análise do *dito espiritual*, na medida em que, numa primeira abordagem, lhes havia mostrado um de seus aspectos, uma de suas formas, no que chamo aqui a função metafórica, íamos tomar um segundo aspecto que é introduzido aqui sob o registro da função metonímica.

Em suma, vocês poderiam surpreender-se com essa maneira de proceder que consiste em partir do exemplo para desenvolver, sucessivamente, relações funcionais que parecem, de fato, não estarem ligadas àquilo de que se trata, inicialmente, pelo menos, por uma relação geral. Isso se deve a uma necessidade própria daquilo de que se trata cujo elemento sensível teremos a ocasião de mostrar.

Digamos que no que concerne a tudo o que é da ordem do inconsciente na medida em que ele é estruturado pela linguagem, nos encontramos diante desse fenômeno que não é simplesmente o gênero ou a classe particular, mas mesmo o exemplo particular que nos permite apreender as propriedades mais significativas.

Encontra-se ali uma espécie de inversão de nossa perspectiva analítica habitual; entendo analítica não no sentido psicanalítico, mas no sentido da análise das funções mentais. Encontra-se ali, por assim dizer, alguma coisa que poderia se chamar de fracasso do conceito, no sentido abstrato do termo, ou, mais exatamente, necessidade de passar por outra forma que não a da apreensão conceitual. Foi a isso que aludia um dia ao falar do maneirismo e diria estar esse traço totalmente dirigido para nosso campo, o terreno sobre o qual nos deslocamos. É mais pelo uso do conceito, pelo uso do *conceito* que, nesse campo, somos obrigados a proceder. Isso em razão, precisamente, do domínio em que se deslocam as estruturas de que se trata.

O termo pré-lógico é totalmente de natureza a gerar uma confusão, e lhes aconselharei a riscá-lo, de antemão, de suas categorias, haja visto o que dele se fez, isto é, uma propriedade psicológica. Trata-se mais de propriedades estruturais da linguagem na medida em que são antecedentes a toda e qualquer questão que podemos formular à linguagem sobre a legitimidade do que ela, a linguagem, nos propõe como perspectiva. Como vocês sabem, é unicamente o que, em si, foi objeto da interrogação ansiosa dos filósofos, graças a que chegamos a uma espécie de compromisso que é mais ou menos o seguinte: se a linguagem nos mostra que não podemos dizer demais sobre ela, a não ser que ela é ser de linguagem, certamente na medida em que nessa perspectiva que vai se realizar para nós um *para nós* que se chamará objetividade.

É, sem dúvida, uma maneira rápida de resumir para vocês toda a aventura que vai da lógica formal à lógica transcendental [Cf. Husserl]. Mas é simplesmente para situar, para lhes dizer desde já que é em outro campo que nós nos colocamos, e para indicar-lhes que Freud não nos diz quando ele nos fala do inconsciente, que esse inconsciente é estruturado de uma certa maneira. Ele o diz de uma maneira que é, ao mesmo tempo, discurso e verbal, na medida em que as leis que ele apresenta, as leis de composição, de articulação desse inconsciente, refletem, confirmam, perfeitamente, algumas das leis de composição mais fundamentais do discurso. Que, por outro lado, nesse modo de articulação do inconsciente, todos os tipos de elementos nos faltam que são também os que em nosso discurso comum estão implicados: o elo de causalidade, nos dirá a propósito do sonho, a negação, e, logo após, para se repetir e nos mostrar que ela se exprime de qualquer maneira que seja no sonho. É isso, é esse campo já explorado na medida em que ele se encontra já reconhecido,

27 de novembro de 1957

definido, circunscrito, até lavrado por Freud. É lá que procuramos voltar para tentar formular; vamos mais adiante, formalizar de mais perto, o que chamamos, agora mesmo, essas leis estruturais primordiais da linguagem, na medida em que, se há alguma coisa que a experiência freudiana nos traz, é que, por essas leis estruturantes, somos determinados ao que se chama, certo ou errado, a condição de significado da imagem a mais profunda de nós mesmos, digamos simplesmente, esse algo, em nós, além de nossas criações auto-conceituais, essa idéia que podemos ter de nós mesmos, sobre a qual nos apoiamos, à qual nos agarramos com maior ou menor sucesso, e à qual pedimos às vezes um tanto prematuramente, esse termo de síntese, de totalidade da pessoa. Todos esses termos, não esqueçamos, são precisamente pela experiência freudiana, objeto de contestação.

Com efeito, Freud nos ensina, e devo, todavia, aqui recolocá-lo em frontispício assinado, alguma coisa que podemos chamar a distância, e mesmo a hiância que existe da estruturação do desejo à estruturação de nossas necessidades; pois se precisamente a experiência freudiana, finalmente, vem se referir a uma metapsicologia das necessidades, certamente não há nada evidente, isso pode até ser dito de uma maneira completamente inesperada em relação a uma primeira evidência.

É bem em função desse caminhar, de voltas às quais nos obriga a experiência tal como foi instituída e definida por Freud, e que nos mostra a que ponto a estrutura dos desejos é determinada por outra coisa que não as necessidades; as necessidades não nos chegam, senão, por assim dizer, refratadas, quebradas, fragmentadas, estruturadas, precisamente por todos esses mecanismos que se chamam condensação, que se chamam deslocamento, que se chamam, conforme as formas, as manifestações da vida psíquica onde eles se refletem, que supõem vários outros intermediários e mecanismos e onde reconhecemos precisamente um certo número de leis que são aquelas a que vamos chegar após este ano de seminário, e que chamaremos as leis do significante.

Essas leis são aqui as leis dominantes, e no *dito espírituoso* aprendemos certo uso: *jogo do espírito* com o ponto de interrogação que necessita aqui a introdução do termo como tal. O que é o *espírito*? O que é *ingenium*? O que é *ingenio* em espanhol já que fiz referência ao *anatta*? O que é esse não-sei-quê que é outra coisa que não a função do juízo e que intervém aqui? Não poderemos situá-lo a não ser quando tivermos adotado os procedimentos propriamente ditos e, aliás, elucidados ao nível desses procedimentos. De que se trata? Quais são esses procedimentos? Qual é a sua finalidade fundamental?

Já vimos a propósito da ambigüidade de um *dito espírituoso* com o lapso, o que sai da ambigüidade fundamental que, de certo modo, é constitutiva dele, que faz com que o que se produz, conforme o caso, pode ser voltado para uma espécie de acidente psicológico de lapso diante do qual ficaríamos perplexos sem a análise freudiana ou, pelo contrário, retomado, reassumido, por uma certa audição do Outro, por uma maneira de homologá-lo ao nível de um valor significante próprio, aquela precisamente, que na oportunidade assumiu o termo neológico, paradoxal, escandaloso, *familiária* uma função significante própria que consiste em designar alguma coisa que não é apenas isso ou aquilo, mas uma espécie de além de uma certa relação que, aqui, fracassa, e este além não está unicamente ligado aos impasses da relação do sujeito com o protetor milionário, mas com este algo que, aqui, está significado como fundamental. Como vêem, alguma coisa nas relações humanas constantes, introduz esse modo de impasse essencial que faz ou que se apoia sobre isto: nenhum desejo, em suma, não pode ser recebido pelo Outro, ser admitido, senão por todo tipo de trapaças que o refratam, que dele fazem outra coisa que não o que

27 de novembro de 1957

ele é, que fazem dele um objeto de troca, e, em resumo, que submetem, desde já na origem, o processo da demanda a uma espécie de necessidade de recusa.

Vou me explicar e, de algum modo, já que estamos falando do *dito espiritual*, tomarei a liberdade de introduzir o nível verdadeiro em que se coloca essa questão da tradução da demanda em alguma coisa que surte efeito, de introduzi-lo por uma história mesmo que não espiritual, da qual direi que a perspectiva, o registro está longe de se limitar ao pequeno riso espasmódico.

É a história que, sem dúvida, vocês todos conhecem, a história do masoquista e do sádico: *Faça-me sofrer* diz o masoquista ao outro, o qual responde severamente: *Não*

Constato que esta história não os faz rir. Não tem importância. Sim, alguns estão rindo apesar de tudo. Essa história, aliás, no fim das contas, não é para vocês rirem; peço, entretanto, que observem que nessa história alguma coisa nos é sugerida que se desenvolve em um nível que não tem mais nada de espiritual, que é exatamente o seguinte: o que há de melhor para se compreender que o masoquista e o sádico? Sim, mas como vocês vêm pela história, contanto que eles não falem.

Não é por ruindade que o sádico responde *não* é em função da sua condição de sádico que ele responde - e ele é obrigado a responder já que alguém lhe fala - ao nível da palavra. É, pois, na medida em que passamos ao nível da palavra que esse algo que deve chegar, contanto que não se diga nada, ao entendimento mais profundo, chegar, precisamente, àquilo que chamei, há pouco tempo, a dialética da recusa, a dialética da recusa na medida em que é essencial para sustentar na sua essência de demanda, o que se manifesta pela via da palavra.

Noutros termos, como podem ver, é aqui que se manifesta, eu não diria no círculo do discurso, mas de algum modo no ponto de bifurcação de ligação onde, da parte do sujeito, é lançado este algo que se fecha sobre si mesmo e que é uma sentença articulada, um elo do discurso. Se situarmos aqui, neste ponto delta, a necessidade, a necessidade encontra, por uma espécie de necessidade do Outro, esta espécie de resposta a que chamamos, por enquanto, de recusa, isto é, trai essa dissimetria essencial entre esses dois elementos do circuito, a volta fechada, a volta aberta, o que faz com que para circuitar diretamente de sua necessidade para o objeto de seu desejo, ou seja, seguindo esse trajeto, o que se apresenta aqui como demanda chega aqui ao não.

Sem dúvida, isso merece que nos aproximemos mais nesse algo que aqui não se apresenta senão como uma espécie de paradoxo que nosso esquema simplesmente serve para situar. É aqui mesmo que retomamos a cadeia das nossas proposições sobre as diferentes fases do *dito espiritual* e que hoje introduzo o que chamamos uma dessas manifestações metonímicas. Fixei, imediatamente, a idéia para vocês, o exemplo sob essa forma cuja diferença vocês podem ver em relação ao que é a história do *familiário*

É a história do diálogo de Heinrich Heine com o poeta Frédéric Soulié, mais ou menos seu contemporâneo, diálogo registrado no livro de Kuno Fischer que, penso, era bastante conhecido então. *Olhe* - diz Frédéric Soulié àquele que era um pouco mais velho do que ele e de quem era admirador - *dhe como o século XIX adora o Bezerra de Oura*, isto a propósito do agrupamento formado em redor do velho senhor carregado, sem dúvida, com efeito, de todo o brilho de seu poder financeiro. A isso responde Heinrich Heine, com o olhar de desdém olhando o objeto para o qual chamam-lhe a atenção: *Sim, mas este me parece haver passado da idade*

27 de novembro de 1957

Que significa esta *palavra espirituosa*? Onde está o tempero e o móbil? Vocês sabem que Freud manifestou-se claramente para nós a propósito da *palavra espirituosa* no plano seguinte: procuraremos o *dito espirituoso* lá onde está, a saber, no seu texto. Nada mais satisfatório por parte deste homem ao qual se atribuiu todos os aléns, por assim dizer, da hipótese psicológica, que o fato de que, ao contrário, é sempre do ponto oposto, da materialidade do significante que ele parte, tratando-o como um dado existente por si mesmo, e, por outro lado, só temos manifestamente o exemplo disso na sua análise do *dito espirituoso*. Não somente é da técnica que, a cada vez, ele parte, mas é nesses elementos técnicos que ele se confia para descobrir-lhes a mola.

Que faz ele imediatamente? O que ele chama de tentativa de redução. É assim que, ao nível do *dito espirituoso familiar*, ele nos mostra que, ao traduzi-lo no que se pode chamar de sentido ampliado, tudo o que pertence ao *dito espirituoso* desaparece, mostrando assim, de algum modo, que é na relação de ambigüidade fundamental própria à metáfora, isto é, que é no fato de que um significante $f(S'/S)S$, isto é, que a função toma um significante na medida em que ele é substituído a um outro latente na cadeia, que é na relação de ambigüidade sobre uma espécie de similaridade ou de simultaneidade posicional que se encontra o de que se trata.

Se decomposmos o de que se trata, e se o lermos em seguida, isto é, se dissermos *familiar* tanto quanto se pode sê-lo com um milionário, tudo o que pertence ao *dito espirituoso* desaparece.

Assim Freud abordou o *dito espirituoso* ao nível de uma dessas manifestações metafóricas. Aqui, ele se encontra diante de alguma coisa cuja diferença pode ser pressentida, mas um instante - pois Freud não é alguém capaz de nos poupar os meandros de sua aproximação em relação ao fenômeno - ele hesita em qualificar essa nova variedade de espírito do pensamento como oposta ao espírito das palavras. Mas, muito rapidamente, ele verifica que essa distinção é totalmente insuficiente e que, certamente aqui, é ao que se chamaria de a *forma*, a saber, à articulação significante que convém confiar, e é de novo à redução técnica que ele vai tentar submeter o exemplo em questão para lhe fazer responder daquilo que está subjacente a essa forma contestável dada pelo consentimento subjetivo que isto é o *dito espirituoso*. E vamos ver que lá ele encontra alguma coisa que é diferente.

Primeiro, parece-lhe, deve haver alguma coisa que é da ordem metafórica. Repito-o: ele nos faz acompanhar todas as abordagens de seu pensamento. É por isso que ele se detém um momento na prótese, isto é, no que trouxe a personagem que fala a Heinrich Heine, a saber, Frédéric Soulié. Aliás, nisso ele não faz senão seguir Kuno Fischer que, com efeito, permanece nesse nível. Há nesse *Bezerro de Ouro* alguma coisa metafórica, certamente o *Bezerro de Ouro* tem uma espécie de valor duplo: de um lado, ele é o símbolo da intriga e, do outro, o símbolo do poder do dinheiro.

Isto quer dizer que este senhor recebe todas as homenagens sem dúvida porque ele é rico? Não encontramos aí alguma coisa que, de algum modo, reduz e faz desaparecer o que é a mola do que se trata? Mas Freud verifica rapidamente que afinal, trata-se apenas de alguma coisa totalmente falaciosa. Isto, aliás, no detalhe dos seus méritos muito mais do que na busca da riqueza deste exemplo.

Certamente já se encontra implicado nesses primeiros dados da entrada em cena do *Bezerro de Ouro* alguma coisa que é a matéria. Sem aprofundar de todas as maneiras como se institui o uso verbal de um termo incontestavelmente metafórico, é preciso ver se já o

27 de novembro de 1957

Bezerro de Ouro é alguma coisa que, em si mesma, tem maior relação com essa relação do significante à imagem, que é a vertente efetivamente na qual se instala o idólatra; no final das contas é bem em relação a uma perspectiva que exige, por assim dizer, no reconhecimento daquele que se anuncia como *Eu sou aquele que sou*, nomeadamente o Deus dos judeus, que alguma coisa particularmente exigente se recusa a tudo o que se apresenta como a origem mesma do significante, a nomeação por excelência de toda hipóstase imageada, pois, claro, estamos mais longe na idolatria que é, pura e simplesmente, a adoração de uma estátua. É também alguma coisa que procura seu além, e é precisamente na medida em que esse modo de procurar esse além essencial é recusado numa certa perspectiva, que esse *Bezerro de Ouro* adquire seu valor, e não é senão por alguma coisa que já é um deslizamento que esse *Bezerro de Ouro* toma uso metafórico; que o que há na perspectiva religiosa do que se pode chamar na idolatria uma regressão tópica, uma substituição do imaginário ao simbólico, toma aqui, secundariamente, valor metafórico para expressar alguma outra coisa, alguma coisa que também pode referir-se ao nível do significante, a saber, o que outros ou eu chamamos o valor fetiche do ouro, a saber, alguma coisa também que nos faz tocar certa concatenação significativa.

Não é inutilmente que a evoco aqui, já que é precisamente essa função fetiche que agora mesmo vamos ter de abordar. Não é concebível, não é referível a não ser na dimensão justamente da metonímia.

Estamos portanto envolvidos com alguma coisa já carregada de todas as intrincações, de todos os emaranhados da função simbólica imaginária a respeito do *Bezerro de Ouro*, e é lá que jaz ou não, pois aqui Freud o observa, não é de modo algum o lugar onde se situa a *palavra espirituosa*.

A *palavra espirituosa*, como ele observa, está na resposta de Heinrich Heine. E a resposta de Heinrich Heine consiste precisamente em anular, por assim dizer, subverter todas as referências em que esse bezerro de ouro é a sua expressão metafórica, se sustenta para fazer disso outra coisa que está pura e simplesmente aí para designar aquele que é recolocado bruscamente na sua qualidade e não é por acaso que, sem dúvida, a partir de certo momento ele merece ser o bezerro que vale tanto o quilo, se assim posso me expressar. Esse bezerro é considerado pelo o que ele é na realidade, um ser vivo, e, em resumo, alguém que ele reduz aqui no mercado instituído por esse reinado do ouro, a não ser senão ele mesmo que, vendido como gado, uma cabeça de bezerro [*tête de veau*]¹ e, a propósito desta, dizer: *Com certeza de não está mais nos limites da definição que Littré dava, isto é, bezerro no seu primeiro ano que, acredito, até um purista de açogue definiria como aquele que ainda está mamando, purismo que aqui dizer só é respeitado na França. – Para um bezerro, este me parece ter passado da idade!* Que este bezerro não seja aqui um bezerro, é um bezerro um pouco idoso, não há nenhuma maneira de ele rejuvenescer, isso permaneceu um *dito espirituoso* com a noção do *Bezerro de Ouro* ou não.

Portanto Freud apreende aqui uma diferença do inanalísável ao analisável e, contudo, ambos são *ditos espirituosos*.

O que isto quer dizer a não ser que - sem dúvida, há duas dimensões diferentes de alguma coisa que é o que estamos tentando apreender - a que a experiência do *dito espirituoso* se refere? O que se apresenta como sendo de alguma maneira, como o próprio Freud nô-lo disse algo que parece escamoteamento, passe de mágica, erro de pensamento, é o traço

¹ *Tête de veau*: sinônimo de estupidez, correspondendo a *cabeça-de-bagre*

27 de novembro de 1957

comum de toda e qualquer outra categoria do espírito, em suma, como se diria popularmente, tomar uma palavra em outro sentido que não aquele no qual ela nos é trazida.

É o mesmo *ditto spirituosos* que é dado em outra história a que concerne este primeiro vôo da águia do qual se fez uma *palavra spirituosa* a respeito de uma operação bastante vasta que foi o confisco dos bens dos d'Orléans por Napoleão III quando subiu ao trono. É o primeiro vôo da águia. O encanto foi geral sobre esta ambigüidade. Não preciso insistir².

Eis aqui mais alguma coisa na qual não se trata de espírito do pensamento mas sim de espírito das palavras, alguma coisa absolutamente similar ao que nos é apresentado, uma palavra tomada em outro sentido.

É divertido, aliás, na ocasião, sondar as subjacências de tais palavras; e se Freud, já que a palavra nos é transmitida em francês, tem o cuidado de sublinhar para aqueles que não dominam a língua francesa, a ambigüidade do *vol* [*vô*] como ação, modo das aves, com o *vol* [*roub*] como subtração, rapto, violação da propriedade, seria bom lembrar a este respeito que o que Freud aqui elide, não ignora, é que um dos sentidos foi historicamente tirado do outro, e que é de um uso de *vol* que o termo *volerie*, por volta dos séculos XIII ou XIV, veio do fato de que o falcão voa para cima da codorna, no intuito desta falta contra uma das leis essenciais da propriedade que se chama roubo.

Não é um acidente em francês, não digo que isso ocorra em todas as línguas, mas isso já ocorrera em latim onde *volare* já havia tomado o mesmo significado a partir da mesma origem, mostrando aqui nesta oportunidade alguma coisa que não deixa de ter uma relação com aquilo em que nós nos deslocamos, a saber, o que chamaria os modos de expressão eufêmicos daquilo que, na palavra, deve finalmente representar a violação da palavra, precisamente, a violação do contrato. Na oportunidade, não é à toa que a palavra *viol* [*violaçã*] é aqui proveniente de um registro bem diferente, a saber, o registro de um rapto que não tem nada a ver com aquilo que chamamos, própria e juridicamente, o roubo.

Mas paremos por aqui e voltemos ao assunto por meio do qual introduzo o termo metonímico, e creio justamente dever, além dessas ambigüidades, tão fugidias, do sentido, procurar como referência outra coisa para definir esse segundo registro no qual se situa o *ditto spirituosos*, esta outra coisa que vai nos permitir unificar a mola, o mecanismo com sua primeira espécie, de encontrar o fator comum, a mola comum da qual tudo, em Freud, nos indica o caminho sem naturalmente completar a fórmula.

De que serviria lhes falar de Freud se, precisamente, não procurarmos tirar o máximo de proveito do que ele nos traz? Nós é que devemos ir um pouco mais longe, eu quero dizer dar essa formalização necessária cuja experiência dirá se é uma formalização que convém, se é uma formalização adequada, se é realmente naquela direção que os fenômenos se organizam.

De qualquer modo é um assunto rico de conseqüências, pois certamente levando em conta nossa maneira de tratar, no sentido mais amplo, isto é, não somente tratar a terapêutica, mas conceber os modos do inconsciente, o fato de existir uma certa estrutura, e que essa estrutura seja a estrutura significante na medida em que ela retoma, que ela decide, que ela

² *C'est le premier vol de l'aigle*

Águia era o emblema da família napoleônica.

V. Freud, S.: *Os distos e sua relação com o inconsciente*, II:3.

27 de novembro de 1957

impõe seu método, a tudo o que é a necessidade humana; é, mesmo assim, alguma coisa absolutamente decisiva e essencial que vemos logo ao pé da metonímia.

Esta metonímia, já a introduzi diversas vezes, e nomeadamente no artigo que se chama *A instância da letra no inconsciente*. Dei-lhes um exemplo disso propositadamente, oriundo do nível vulgar dessa experiência que pode surgir das lembranças de seus estudos secundários, a saber, sua gramática. A metonímia é o que se chamava naquela época, nessa espécie de perspectiva, de um tipo de Quintiliano subestimado, pois fica bem claro que não é o estudo das figuras de retórica que conseguiu sufocar vocês, pois até agora ninguém jamais as utilizou.

No ponto em que nos encontramos de nossa concepção das formas do discurso, eu tomei este exemplo de metonímia: *trinta velas* em vez de *trinta navios*, marcando, nesse particular, que essas *trinta velas* não são pura e simplesmente o que lhes disseram a esse respeito, a saber, tomadas da parte pelo todo, a saber, referência ao *real*, pois, certamente, há muito mais de *trinta velas*. Raramente os navios só têm uma vela, mas já que há aqui um pano de fundo literário, vocês sabem que essas trinta velas encontram-se em certo monólogo de *El Cid*³.

É simplesmente um ponto de referência ou de anúncio para o futuro.

Aqui estamos com essas *trinta velas*, e nós não sabemos o que fazer com elas, já que, afinal, ou elas são trinta e não há trinta navios, ou há trinta navios e elas são mais de trinta. Ora, isso quer dizer trinta navios e é certo que quando indico ser na correspondência palavra por palavra aquilo de que se trata, que devemos procurar a direção do que se chama aqui a função metonímica. Só faço propor assim diante de vocês uma espécie de aspecto problemático da coisa. Mas convém entrarmos mais no âmago da diferença que há com a metáfora, pois vocês poderiam me dizer que é uma metáfora.

Por que não é uma metáfora? Este é o problema. Aliás, desde algum tempo ouço periodicamente que alguns de vocês, no seu dia-a-dia, são de repente impressionados pelo encontro de alguma coisa que não sabem mais como classificar, na metáfora ou metonímia. Isso acarreta desordens algumas vezes desmedidas no seu organismo, e uma espécie de linguagem às vezes um pouco forte demais, com, em suma, essa metáfora de bombordo e essa metonímia de estibordo que deram enjôo a alguns.

Tratemos, pois, de verificar de mais perto o de que se trata, pois, afinal, me disseram a propósito de Boaz que *seu feixe não era nem avaro nem oliento* poderia muito bem ser uma metonímia. Creio ter bem mostrado no meu artigo o que era esse feixe, e como esse feixe é outra coisa que um elemento de sua posse, é alguma coisa que, na medida em que isto se substitui ao pai precisamente, faz surgir toda a dimensão de fecundidade biológica que estava aqui subjacente ao espírito do poema, e que não é por nada que no horizonte, e mesmo mais do que no horizonte, no firmamento vai surgir também o fio agudo da foice celeste que evoca a castração.

Voltemos pois às nossas trinta velas e indaguemo-nos afinal de contas, para que isso seja afirmado de uma vez por todas, o que significa o que eu chamo de função ou referência metonímica. Creio haver falado suficientemente, o que contudo deixa alguns enigmas, que era essencialmente na substituição da mola estrutural da metáfora, nessa função trazida a

³ De Pierre Corneille.

27 de novembro de 1957

um significante **S** na medida em que esse significante é substituído a outro numa cadeia significante.

A metonímia é isso, função que toma um significante e igualmente **S** na medida em que esse significante está na contigüidade da cadeia significante em relação com outro significante:

$$f(\mathbf{S}\dots\mathbf{S}') \mathbf{S}$$

A função dada a essa vela considerada como numa cadeia significante, e não numa substituição significante, está em relação com o navio, que transferi, pois, da maneira mais clara, e é por isso que as representações de aparência formal dessas fórmulas podem, naturalmente, requerer uma exigência suplementar de sua parte. Alguém me lembrou recentemente que havia dito um dia que o que procurava fazer para seu uso aqui, para cercar as coisas de que se trata em nosso propósito, era forjar uma *lógica de borracha*. Fui eu quem o disse. É, com efeito, de alguma coisa assim que se trata, é de uma estruturação tópica que, algumas vezes, forçosamente, deixa hiâncias porque ela é constituída por ambigüidades. Mas, permitam-me dizer-lhes, *en passant*, que não escaparemos a isso, se, contudo, conseguirmos levar bastante longe essa estruturação tópica: nós não escaparemos a um resto de exigência suplementar, contanto que seu ideal seja, nessa oportunidade, o de uma certa formalização unívoca, pois certas ambigüidades são irredutíveis ao nível da estrutura da linguagem tal como procuramos defini-la.

Permitam-me igualmente dizer-lhes, *en passant*, que a noção de metalinguagem é muito freqüentemente empregada da maneira mais inadequada, na medida em que ela desconhece isto: que ou a metalinguagem tem exigências formais que são tais que elas deslocam todo o fenômeno de estruturação para onde ele deve situar-se, ou então a própria metalinguagem deve conservar ambigüidades da linguagem. Em outros termos, não há metalinguagem, há formalizações, quer ao nível da lógica, quer ao nível dessa estrutura significante cujo nível autônomo estou procurando determinar para vocês. Não há metalinguagem no sentido em que ela significaria, por exemplo, matematização completa do fenômeno da linguagem, e isso precisamente porque não há meio aqui de formalizar além do que é dado como estrutura primitiva da linguagem.

No entanto, essa formalização não é apenas exigível como também necessária. É necessária, por exemplo aqui, porque afinal vocês devem ver que essa noção de substituição de um significante a outro é uma substituição em alguma coisa cujo lugar já deve estar definido; é uma substituição posicional, e a própria posição exige a cadeia significante, a saber, uma sucessão combinatória - não digo que ela exija todos os traços dela. Eu quero afirmar o fato de que essa sucessão combinatória é caracterizada por elementos, por exemplo, que eu chamaria intransitividade, alternância, repetição.

Se nos colocarmos a esse nível original mínimo da constituição de uma cadeia significante, seremos levados longe do nosso assunto de hoje. Há exigências mínimas, e não digo que pretendo ter identificado todas elas até agora. No entanto, já dei o bastante para propor-lhes alguma coisa que permita suportar, por assim dizer, certa reflexão e partir, a esse respeito, desta particularidade do exemplo que, neste domínio, é alguma coisa da qual devemos tirar, por razões sem dúvida absolutamente essenciais, todos os nossos ensinamentos.

É assim que vamos, mais vez, proceder, e observar a propósito desse exemplo, que mesmo se isto tem a aparência de um jogo de palavras, essas *velas*, haja visto a função que desempenham nessa oportunidade, nos *velam* a vista tanto quanto elas nos mostram que

27 de novembro de 1957

essas *velas* são, aqui, alguma coisa que não entra com seu pleno direito de *velas*, que não entram *a todo pano* no uso que delas fazemos. Essas *velas* pouco afrouxam; essas *velas* são alguma coisa reduzida no seu alcance e no seu signo, esse algo que pode ser encontrado não somente nas *trinta velas* mas na aldeia de *trinta almas* onde vocês verificam logo que essas *almas* estão lá como sombras do que elas representam, que elas são até mais leves que o termo, sugerindo uma presença excessiva de habitantes, que essas *almas*, segundo o título de um romance famoso, podem também ser *almas mortas*⁴ muito mais ainda do que seres, *almas* que não estão mais aqui. Assim como *trinta fogos*⁵ é também um uso do termo, e com certeza representa certa degradação, ou minimização do sentido. Eu quero dizer que esses *fogos* são também *fogos apagados*, que são *fogos* a propósito dos quais vocês dirão certamente que *não há fumaça sem fogo*, e que não é à toa que esses *fogos* estão num uso que diz metonimicamente aquilo que vem suprir.

Sem dúvida alguma vocês dirão que se trata de uma referência de sentido que, afinal de contas, eu recorro para fazer a diferença. Não creio, e faz notar que parti daquilo que a metonímia é a estrutura fundamental na qual pode se produzir este algo de novo e de criativo que é a metáfora; que mesmo que alguma coisa de origem metonímica seja colocada em posição de substituição, como é o caso nas *trinta velas*, a metonímia é alguma coisa diferente, na sua natureza; que, em suma, não haveria metáfora se não houvesse metonímia.

Quero dizer que a cadeia em relação à qual e na qual são definidos os lugares, as posições onde ocorre o fenômeno da metáfora, está, nesse particular, numa espécie de deslizamento ou de equívoco. *Não haveria metáfora se não houvesse metonímia*; este pensamento me veio como uma lembrança e não por acaso, porque isto tem a maior relação com a exclamação, a invocação cômica que consigo colocar na boca do *pai UBU*⁶. Não haveria metáfora se não houvesse metonímia; e também: *Viva a Polônia*, porque sem a Polônia, dizia também o pai UBU, não haveria poloneses.

Por que isso é um *dito espirituoso* está precisamente no âmago de nosso assunto. É um *dito espirituoso*, e é engraçado justamente porque isto é a referência como tal à função metonímica, pois se erraria o caminho se se acreditasse que se tratava de uma graça concernente, por exemplo, ao papel que os poloneses puderam desempenhar nas desgraças da Polônia, que são por demais conhecidas. A coisa é também engraçada quando eu digo: *Viva a França, senhor!, pois sem a França não haveria franceses*. Da mesma maneira se eu disser: *Viva o cristianismo!, porque sem o cristianismo não haveria cristãos!* E mesmo *Viva Cristo!*

É sempre tão engraçado, e pode-se indagar por que resalto que aqui a dimensão metonímica não é absolutamente desconhecível, que toda espécie de relação de derivação de uso do sufixo, afixo ou desinência nas línguas flexionais é propriamente a utilização para fins significativos da dimensão da cadeia.

Aqui não há nenhuma espécie de palavra, e até diria que todas as referências o verificam. A experiência do afásico, por exemplo, mostra-nos precisamente que são dois os casos de afasia, e que muito precisamente quando estamos ao nível dos distúrbios que se podem chamar de distúrbios da contigüidade, isto é, da cadeia, são precisamente aqueles que têm a

⁴ Alusão a *Almas mortas*, de Nikolai V. Gógol.

⁵ *Trente feux* : literalmente: trinta fogos; ou seja: trinta lares, trinta famílias.

⁶ De Alfred Jarry.

27 de novembro de 1957

maior dificuldade para distinguir o assunto; é a relação da palavra ao adjetivo, de benfeito com benfazejo, ou com bem-fazer e beneficência⁷; é no outro metonímico que ocorre alguma coisa. É precisamente este relampejo que, nesta ocasião, nos faz considerar essa referência como alguma coisa não somente cômica mas mesmo bastante grotesca.

Vale observar que é importante aqui, com efeito, aplicar-se ao que se pode chamar propriedade da cadeia significante, e de apreender - procurei encontrar alguns termos de referência que lhes permitam entendê-la - na medida em que o pudermos, o que eu quero designar por esse efeito da cadeia significante, efeito essencial inerente à sua natureza de cadeia significante concernente ao que se pode chamar o sentido.

Não esqueçam que no ano passado, foi numa referência analógica que podia parecer-lhes metafórica, mas destaquei que não o era, que ela pretendia dever ser tomada ao pé da letra da cadeia metonímica, que eu coloquei, indiquei, situei o que é a essência de toda espécie de deslocamento fetichista do desejo, ou seja, de fixação do desejo em algum lugar antes, depois ou ao lado, seja como for, à porta de seu objeto natural. Com outras palavras, da instituição de fenômeno absolutamente fundamental que se pode chamar a radical perversão⁸ dos desejos humanos.

Aqui gostaria de indicar outra dimensão, a que chamaria na cadeia metonímica, o deslizamento do sentido. E já indiquei-lhes a relação disso com sua técnica, o uso, o procedimento literário que costumam designar pelo termo de realismo.

Não se concebe nesse domínio poder livrar-se de todo tipo de experiências; eu me submeti a esta: tomei um romance da época realista, eu o li para, de certo modo, ver os traços que poderiam fazer-lhes entender este algo original cuja referência à dimensão do sentido pode estar relacionada com o uso metonímico como tal da cadeia significante e, por isso, referi-me a um romance, ao acaso, entre os romances da época realista, a saber, um romance de Maupassant, *Bel Ami*⁹.

Primeiro, é uma leitura muito agradável. Façam-na uma vez. E tendo iniciado a leitura, fiquei surpreso por encontrar ali esse algo exatamente que procuro designar aqui por *deslizamento*, que, do alto da Rua Notre-Dame-de-Lorette de onde vemos partir Georges Duroy.

Quando a caixa devolveu-lhe o troco de sua moeda de 100 soldos, Georges Duroy saiu do restaurante

Como de dava uma boa imagem de si, por natureza e por pose de ex-suboficial de arqueou o corpo, alisou o bigode com um gesto militar e familiar e jogou sobre os dentes atrasados um dhar rápido e circular, um dhar de rapaz bonito, que se abriu como se abre uma tarrafa.

O romance começa assim. Não parece, mas, depois, vai de momento em momento, de encontro em encontro, e vocês assistem de modo muito claro, de modo muito evidente a esse tipo de deslizamento. Se sobrevoarmos todo o desenrolar do romance, vemos este algo que faz com que um ser bastante elementar, diria, ao ponto em que se encontra no

⁷ De *bienfait* avec *bienfaisait* : de benfeito com benfazejo; ou: avec *bienfàire* et avec *bienfàisanæ* com bem-fazer e beneficência.

⁸ *Péridition*, no policopiado original.

⁹ De Guy de Maupassant.

27 de novembro de 1957

início do romance, pois essa moeda de cem soldos é a última que possui, reduzido a necessidades mais imediatas, preocupação imediata do amor e da fome, é progressivamente enredado por uma sucessão de ocorrências boas ou más, mas geralmente boas, pois não somente ele é um rapaz bonito mas também ele tem sorte, é participante de um círculo de sistemas, manifestações do intercâmbio, da subversão metonímica desses dados primitivos que, uma vez satisfeitos, são alienados por ele numa série de situações. Ora, nunca se trata de algo em que ele possa repousar, e que o leva de sucesso em sucesso a uma quase total alienação do que é sua própria pessoa.

Isso não é nada, é no detalhe, eu quero dizer na maneira como não se pretende jamais ir além do que ocorre na seqüência dos acontecimentos e de sua notação em termos tão concretos quanto possível. O romancista, a todo instante, mostra-nos um tipo de diplopia que constantemente nos coloca - não apenas o sujeito do romance mas tudo o que o rodeia - numa posição sempre dupla no concernente ao que pode ser o objeto nem que seja o mais imediato.

Eu tomo o exemplo dessa refeição no restaurante, que começa a ser um dos momentos primeiros da ascensão à fortuna dessa personagem:

As ostras de Ostenda foram trazidas, bonitas e gordas, semelhantes a pequenas orelhas guardadas em conchas, e derretendo entre o céu da boca e a língua como se fossem bombons salgados.

Depois, após a sopa, serviram uma truta cor de rosa como carne de moça; e os convivas começaram a conversar.....

Foi o momento dos subentendidos jeitosos, dos véus levantados por palavras, assim como se levantam saias, o momento dos ardis de linguagem, audácias hábeis e disfarçadas, todas as hipocrisias impudicas, da sentença que revela imagens despidas com expressões cobertas, que faz passar no dho e no espírito a visão rápida de tudo o que não se pode dizer e permite à alta sociedade uma espécie de amor sutil e misterioso, uma espécie de contato impuro dos pensamentos pela evocação simultânea, perturbadora e sensual como um aperto, de todas as coisas secretas, vergonhosas e desejadas do enlace. Trouxeram o assado, perdizes...

Eu quero que vocês observem esse assado, as perdizes, a terrina de aves e todo o resto.

Eles haviam comido um pouco de tudo isso sem saborear, sem saber disso, unicamente preocupados naquilo que diziam, mergulhados num banho de amor.

Este álibi perpétuo que faz com que vocês não saibam realmente se é a carne de moça ou a truta que está sobre a mesa, e isso numa perspectiva que é a da descrição realista, como dizem, de que se trata, é uma coisa a que se dispensa não somente toda referência abissal a qualquer sentido que seja, trans-sentido de qualquer maneira que seja, nem poético, nem moral, nem outro; é alguma coisa que, suficientemente, parece-me, clareia o que indico quando digo que é numa perspectiva de perpétuo deslizamento do sentido que todo discurso que visa trazer a realidade é forçado a se fazer, e que o que faz seu mérito, o que faz que não haja realismo literário, é precisamente que neste esforço de precisar mais a realidade, enunciando-a no discurso, o discurso nada consegue a não ser mostrar o que a introdução do discurso acrescenta de desorganizante, perverso a essa realidade.

Se alguma coisa aqui lhes parece ainda permanecer num modo impressionista, gostaria, mesmo assim, de tentar realizar a experiência na sua presença, de alguma outra coisa. Vocês vêem, procuramos nos manter não ao nível onde o discurso responde ao real, onde simplesmente ele pretende conotá-lo, segui-lo em relação ao real, mas a uma função de

27 de novembro de 1957

analista com dois n¹⁰. Vejam no que isso dá. Tomei um autor, sem dúvida meritório, que se chamava Félix Fenéon cuja apresentação não tenho o tempo de fazer aqui, e sua série de *Notícias em três linhas* que ele dava ao *Matin*¹¹. Sem dúvida alguma não é inutilmente que elas foram conservadas; provavelmente há nelas um talento particular. Procuremos descobrir qual.

Trata-se de *notícias em três linhas* que podem ser tomadas ao acaso inicialmente, depois tomaremos outras mais significativas talvez.

Por ter jogado algumas pedras em policiais, três senhoras piedosas... são multadas pelos juizes de Toulens-Comblebourg

Paulo, professor primário na Ile Saint-Denis, tocava, para fazer entrar os alunos, o sino..

Em Clíchy, um elegante rapaz atirou-se debaixo de uma carruagem com rodas de borracha, e depois, ileso, debaixo de um caminhão que o esmagou.

Uma jovem senhora estava sentada no chão em Choisy-le-Roi. Única palavra de identidade que sua amnésia lhe permitiu que dissesse: Modelo

O cadáver do sexagenário... balançava numa árvore em Arcueil com este letrado velho demais para trabalhar.

A respeito do mistério de Luzarches, o juiz de instrução de Puy interrogou a detenta... Mas ela é louca.

Atrás de um caixão, Mangin de Verdun-Chevigny. Naquele dia ele não chegou ao cemitério, a morte o surpreendeu no caminho

O empregado.. instalou em Neuilly, na casa de seu dono ausente, uma mulher divertida, depois desapareceu, levando tudo, exceto ela.

Fingindo procurar nesse pé-de-meia moedas raras, duas ladras surrupiaram mil francos de dinheiro vulgar. Senhorita... Ivry.

Praia... Finistère, duas banhistas estavam se afogando. Um banhista atirou-se ao mar, de modo que o senhor Etienne teve de salvar três pessoas.

O que é que provoca o riso? Realmente esses fatos são conotados com um rigor impessoal cuja arte toda, eu diria, consiste simplesmente na sua extrema concisão. Isso é dito com o mínimo de palavras possível. Se há alguma coisa cômica, por exemplo, considerando o que está no alto da página, o que acontece quando ouvimos:

Atrás de um caixão, Mangin de Verdun-Chevigny. Ele não chegou ao cemitério naquele dia, a morte o surpreendeu no caminho

É alguma coisa que não concerne absolutamente em nada a esse caminhar que é o nosso, o de todos nós, rumo ao cemitério, qualquer que seja o método diverso que se possa efetuar nesse caminhar. Não há absolutamente nada semelhante, e eu diria até certo ponto que isso não apareceria se as coisas fossem ditas mais demoradamente, quero dizer se tudo isso fosse afogado numa onda de palavras.

O que chamei aqui deslizamento do sentido, a saber, esse algo que faz com que não saibamos literalmente onde parar em nenhum momento desta sentença tal como a recebemos no seu rigor, para dar-lhes seu centro de gravidade, seu ponto de equilíbrio, é toda a arte dessa redação dessas notícias em três linhas. É precisamente o que chamaria

¹⁰ *analyste*, redator de anais, registros, e não psicanalista.

¹¹ Jornal.

27 de novembro de 1957

aqui seu descentramento. Não há nenhuma moralidade, um cuidadoso apagar de tudo o que possa ter um caráter exemplar, o que se chamará nessa ocasião, a arte de destacamento desse estilo.

No entanto, o que é contado é mesmo assim alguma coisa, uma seqüência de acontecimentos, e diria até mais, é o outro mérito de que se trata, é de nos dar coordenadas muito rigorosas.

É esse algo que visto, que procuro fazer sentir a vocês, mostrando-lhes em que medida o discurso na sua dimensão horizontal, na sua dimensão de cadeia, é realmente o ringue de patinação que é tão útil a estudar que as figuras de patinação, no qual se dá esse deslizamento de sentido leve, sem dúvida, ínfimo, que pode, talvez, de tão reduzido que é, nos parecer nulo, mas que, de todo modo, se apresenta e se anuncia na ordem do *dito espírituoso* como o que poderíamos chamar uma dimensão irrisória, degradante, desorganizante.

É nessa dimensão que o estilo do *dito espírituoso*, que é o do vôo da águia, se situa e se coloca, ao encontro do discurso com a cadeia significante que, aqui, se encontra ao nível do *familiar*, no encontro em gama, e que se produz aqui simplesmente um pouco mais adiante.

Aqui, Frédéric Soulié trouxe alguma coisa que evidentemente vai em direção ao *eu*, [*le jê*] já que a perspectiva é Heinrich Heine, é a *palavra espírituosa* e ele o chama como o testemunho. Há sempre no início do *dito espírituoso* essa perspectiva, esse chamamento ao Outro como lugar de verificação. *Tão verdadeiro* começava Hirsch Hyacinthe, *tão verdadeiro como Deus me deve tochas as felicitades*. E Deus aqui, nessa referência, pode também ser irônico. Ela é fundamental aqui. Soulié invoca Heinrich Heine, muito mais prestigioso que ele, sem lhe contar a história de Frédéric Soulié; no entanto, o artigo que o Larousse lhe dedica é muito bonito. Soulié lhe diz: *Você não vê meu prezado mestre, - alguma coisa assim - não é realmente divertido ver esse século XIX...* Aqui é a chamada, a *invocatio*, a tirada do lado do *eu* [*jê*] de Heinrich Heine, daquele que é o ponto-pivô presente nesse caso. *de ver esse século XIX adorar ainda o Bezerro de Ouro*¹²

Passamos pois por aqui (ver esquema); depois voltamos aqui a propósito do *Bezerro de Ouro*, no lugar dos empregos e da metonímia, pois, afinal das contas, esse *Bezerro de Ouro* é uma metáfora, mas usada, que passou na linguagem. Nós mostramos há pouco tempo, incidentalmente, as fontes, as origens, o modo de produção, mas afinal das contas, é um lugar comum. E ele envia seu lugar comum, aqui, ao lugar da mensagem, pela *via alfa-gama* clássica.

Aqui temos pois duas personagens, e vocês bem sabem que essas duas personagens podem muito bem ser apenas uma, já que a outra, simplesmente pelo fato de existir a dimensão da palavra, está em cada um, e também como Freud observa, se não havia presente no espírito

12



27 de novembro de 1957

de Soulié esse algo que, em suma, faz com que ele qualifique a personagem de *Bezerro de Ouro* é porque não está mais em uso que, para nós, nos parece admitido. Mas encontrei isso no Littré. Littré nos diz que chamam de *Bezerro de Ouro* um senhor muito rico que, por essa razão, é objeto da admiração universal. Não há ambigüidade, e em alemão também não.

Naquele momento, isto é, aqui, entre *gama* e *alfa*, reenvio da mensagem ao código, isto é, aqui, na linha da cadeia significante e, de algum modo metonimicamente, o termo é retomado em alguma coisa que não é o plano no qual ele foi enviado, é retomado de uma maneira que, com toda certeza, deixa aqui perceber plenamente a direção de queda do sentido, de redução do sentido, de desvalorização do sentido, e, em uma palavra, é disto que se trata e é isto que no fim da lição de hoje quero introduzir: é que a metonímia é, propriamente falando, o lugar onde devemos situar esse algo primordial, esse algo primordial e essencial na linguagem humana na medida em que vamos tomar aqui, no oposto, a dimensão do sentido, isto é, na diversidade desses objetos já constituídos pela linguagem onde se introduz o campo magnético da necessidade de cada um, com suas contradições, a resposta que introduzi há pouco, esse algo diferente que é isso que vai talvez poder parecer paradoxal, que é a dimensão do valor.

E essa dimensão do valor é realmente alguma coisa que tem sua dimensão do sentido em relação a ela. Ela se impõe como estando em contraste, como sendo outra vertente, como sendo outro registro. Se alguns dentre vocês são bastante conhecedores não digo do *Capital* inteiro - quem leu o *Capital* inteiro? - mas do primeiro livro do *Capital* que todo o mundo em geral leu, peço para vocês relerem a página onde Marx, ao nível da formulação do que se chama a teoria da forma particular do *valor da mercadoria*, numa nota se revela ser um precursor do *estádio do espelho*. Nessa página Marx faz essa observação superabundante nesse prodigioso primeiro livro, que mostra, coisa rara, alguém que faz um discurso filosófico articulado, e ele faz esta proposição: que antes de qualquer estudo das relações quantitativas do valor, convém dizer que nada pode ser instaurado, senão sob a forma, primeiro, da instituição dessa espécie de equivalência fundamental que não se encontra simplesmente em tantas *auras*¹³ de fazendas iguais, mas na metade do número de roupas; que já há alguma coisa que deve se estruturar na equivalência fazenda-roupa, a saber, que roupas podem representar o valor da fazenda, isto é, que logo não é como roupa que é alguma coisa que você pode usar, que há alguma coisa necessária na partida da análise, no fato de que a roupa pode se tornar o significante do valor da fazenda, que, noutros termos, a equivalência que se chama valor se deve propriamente ao abandono por parte de um ou dois dos dois termos, de uma parte igualmente muito importante de seu sentido.

É nessa dimensão que se situa o efeito de sentido da linha metonímica, o que nos permitirá, mais tarde, encontrar para que serve essa introdução do efeito de sentido nos dois registros da metáfora e da metonímia em que eles se referem, pelo fato de que essa introdução comum a uma dimensão, a uma perspectiva; é a perspectiva essencial que nos permite alcançar o plano do inconsciente. É o que torna necessário que recorramos precisamente e de uma maneira centrada nisto, à dimensão do outro considerando como o lugar, o receptor, o ponto-pivô necessário desse exercício.

É o que faremos na próxima vez.

¹³ *Aune*: antiga medida francesa de comprimento valendo 1m 18cm.